

## SAÚDE E ESPIRITUALIDADE: BREVES REFLEXÕES ACERCA DO ASSUNTO

*Fernanda Lira Garcia<sup>1</sup>*

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v6i2.46439>

Essa pequena reflexão sobre a saúde e a religiosidade é o começo de um estudo que tende a ser mais explorado e divulgado, para que todos tenham noção do quanto nossa sociedade adocece sem adoecer.

Estudos produzidos no âmbito da antropologia e sociologia da saúde têm apontado a importância das religiões nos processos de interpretação e tratamento das doenças nas mais diversas sociedades e épocas históricas. No Brasil, a situação não é diferente: são várias as referências a práticas terapêuticas desenvolvidas por grupos religiosos, e a importância destes grupos, enquanto serviço de saúde para uma ampla parcela da população, não tem passado despercebido dos cientistas sociais.

O período da diáspora intensificou, de maneira peculiar, um contato entre de indivíduos originários das mais diversas culturas africanas. Uniões e cruzamentos impensáveis no continente africano, fizeram presentes em território brasileiro, em suas terras originárias, o comércio e as disputas territoriais compunham veementemente o contexto de interação, no contexto da diáspora outro tipo de composição se fez presente como forma de resistência. Indivíduos de origem mulçumana, angolana, nagôs e outros, mesclaram-se entre si, ocasionando, entre outros fenômenos, práticas culturais e vivenciais religiosas.

Para poder usufruir da cultura, costumes e práticas religiosas começaram a se organizar e criar o espaço para suas liturgias. Apesar da perseguição, do repúdio das igrejas católicas, práticas religiosas como o candomblé cresceram à margem da sociedade branca brasileira. O povo-de-santo foi juntando seus conhecimentos e criaram os terreiros, as roças de candomblé. Os terreiros historicamente são importantes agentes de promoção à saúde através de práticas tradicionais religiosas para adeptos e não adeptos.

---

<sup>1</sup> Psicóloga clínica analítica (CRP 06/90267); Pós-graduada em Psicologia Analítica pela Universidade de Campinas - Unicamp; Iyadagã do Ilê Axé Ida Wurá. [fernandaliragarcia@gmail.com](mailto:fernandaliragarcia@gmail.com)

O povo de santo compreende tratar o corpo simultaneamente ao tratamento do espírito. Toma-se o comprimido passado pelo médico, mas acompanhado do banho de folhas, da oferenda ao orixá, da benzedura pela velha rezadeira preparada.

Segundo Teixeira (1994, p. 27) “[...] o corpo, assim como o ser humano que o detém, pode ser visto como encruzilhada do que é físico com aquilo que é considerado espiritual, sobretudo no âmbito das chamadas medicinas paralelas”. Os especialistas da medicina oficial, ao dividirem os sintomas apresentados em “normais e anormais”, esquecem-se que o indivíduo é algo bem mais complexo do que uma simples equação. Neste sentido, outras práticas terapêuticas acabam por assumir o caráter propiciatório de equilíbrio, colocando-se assim em conflito com a prática hegemônica.

Nunca é demais lembrar, no entanto, que o corpo e, por extensão, o ser humano, se apresentam como algo mais complexo do que os fisiologistas e anatomistas concebem, e que a cada período histórico há noções preponderantes do corpo, da saúde, da doença, bem como novos procedimentos terapêuticos, alguns surgidos no campo da medicina oficial, o que não impede, e nunca impediu, que outras formas e sistemas coexistam com o ideário dominante.

O que nos convenceu que o estudo deste tema poderia ser de grande relevância para a compreensão da busca terapêutica religiosa como uma opção em relação à saúde foi o significado distinto que os adeptos identificam para os processos relacionados à noção de saúde-doença. Sendo assim é “o corpo e no corpo” - elemento visível – que recaem todas as preocupações em relação ao bem-estar. O corpo vai representar no candomblé um polo ou centro de forças opostas que devem ser unidas numa relação de equilíbrio complementar.

“O corpo é o inconsciente visível”, afirmava Wilhelm Reich. É o nosso texto mais concreto, nossa mensagem mais primorosa, a escritura de argila que somos. É o templo onde outros corpos mais sutis se abrigam.

Hoje sabemos o quanto nos desviou da saúde integral a concepção moderna que dissociou o corpo da alma e do espírito. Perdemos a coesão e a congruência; mais do que isto, perdemos a transparência. A fragmentação epistemológica também se refletiu no indivíduo e na sociedade, separando o organismo do meio ambiente, enfatizando as fronteiras e os conflitos. Alienação diabólica, já que diablos é o que divide, o fator tanatológico básico. Divino é o que vincula, unifica e restaura a inteireza vital.

Leloup (1998) se inspirou livremente em suas referências comuns à tradição hebraica, sendo a sua abordagem, entretanto, mais abrangente e vasta focalizando, sistematicamente, do aspecto somático ao psíquico e espiritual. Na sua opinião, a anamnese espiritual do corpo e seus símbolos deve se enraizar, sobretudo, em uma anamnese médica e psicológica consistentes, se realmente quisermos cuidar do Ser em sua inteireza.

Assim, o corpo vai representar no candomblé um polo ou centro de forças opostas que devem ser unidas numa relação de equilíbrio complementar. Da mesma forma o indivíduo deve ser pensado como o resultado do equilíbrio das diversas partes do corpo, surgindo assim uma coerência estabelecida por uma visão de mundo específica cuja relação se explica pela completa harmonia entre o mundo natural e sobrenatural.

Uma abordagem como a nossa não se dirige a racionalistas e a materialistas inveterados, mas é dedicada às pessoas dispostas a seguir a trilha intrincada e nem sempre lógica da consciência humana. São de grande ajuda, nessa viagem através da alma humana, os pensamentos imaginativos, a fantasia, as associações, a ironia e um bom ouvido para perceber o que é dito nas entrelinhas.

Começaremos por um trabalho de anamnese e gostaria de esclarecê-los sobre esta palavra que utilizamos sempre em nossa prática, em nosso modo de abordar o ser humano. É uma palavra muito empregada no meio médico e significa o conjunto de informações que o médico, o psicólogo ou o terapeuta recolhem do paciente, quando o interrogam sobre a história de sua doença. Em suma, é uma análise dos sintomas e das somatizações.

A palavra anamnese deriva da palavra grega *anamnēsis*, e significa recordação, lembrança. Platão já dizia que nada aprendemos e que apenas nos lembramos. Existe em nós uma memória essencial, a memória do ser verdadeiro que somos. Dessa maneira, denomino anamnese essencial à arte e à prática de lembrar-se do Ser, através das memórias do corpo físico e das marcas psicológicas deixadas neste corpo físico. Porque o corpo humano se recorda de todos os momentos que atravessou e viveu.

Faremos, inicialmente, uma escuta física, uma anamnese médica ou fisiológica, reavivando a memória do que aconteceu em nosso corpo, dos pés à cabeça. E tentaremos identificar o nosso ponto fraco, o lugar do nosso corpo onde vem se alojar, regularmente, a doença e o sofrimento.

Em seguida é preciso que entremos em uma escuta, em uma anamnese psicológica. Observaremos o medo ou a atração que vivemos em relação a algumas partes

do nosso corpo. E em quais condições psicológicas se manifestaram certas doenças ou certos sofrimentos. Esta é uma escuta psicológica do corpo. Há ainda uma escuta espiritual. O Espírito está presente em nosso corpo. E, certas doenças, algumas crises, são manifestações do Espírito que quer trilhar um caminho, que quer crescer, que quer desenvolver-se em membros que lhe resistem. Algumas depressões, por exemplo, estão ligadas a dificuldades de ordem física e são tratadas com vitaminas ou com exercícios.

Outras depressões estão ligadas a ocorrências psicológicas, a um rompimento, uma provação, uma falência. Mas há também depressões que poderíamos chamar de iniciáticas, onde a vida nos ensina, através de uma queda, de um acidente ou de uma provação, que devemos mudar o nosso modo de viver. E nos ajuda a reencontrar o nosso verdadeiro eixo. Porque, se podemos correr dançando para um abismo, mais valeria coxearmos em uma direção que tenha um sentido.

Assim, esta abordagem se dirige ao homem em sua inteireza. E o terapeuta que acompanha este corpo que somos, não é apenas um médico, não é somente um psicólogo, não é somente um sacerdote. Mas deve manter unidas, ao mesmo tempo, a competência e a escuta destas três personalidades.

Da mesma maneira ocorria entre os Terapeutas de Alexandria, que cuidavam do corpo, do psiquismo e do ser espiritual. Trata-se, pois, de escutar cada uma das partes do nosso corpo, do ponto de vista físico, psicológico e espiritual. Penso em uma frase importante, no Prólogo do Evangelho de São João: “Ele veio para o que era seu e os seus não O receberam” A vida nos é dada, mas nem sempre é recebida. Tudo nos é dado, mas nem tudo é recebido. Existem partes de nós mesmos, alguns de nossos membros, que estão fechados ao próprio movimento da vida, que estão fechados ao Sopro do Vivente". Cada um de nós, de modo bem particular e pessoal, tem um espaço de abertura e um espaço de fechamento.

No terreiro a pessoa é tratada de modo integral, reabrindo estes fechamentos nos caminhos do corpo-encruzilhada e recompondo a inteireza. O Ori (cabeça) vem em primeiro lugar, significando a saúde mental. E depois o corpo é tratado como um todo sendo alimentado enquanto são feitas oferendas para que a pessoa reencontre sua divindade e alcance a cura. Encontrar sua divindade é se recompor a cada ritual no terreiro.

Esse emaranhado de reflexões, serão em breve, destrinchados e aprofundados com todo o cuidado que o assunto necessita.

Deixei aqui o começo de nosso trabalho sobre saúde e espiritualidade. Assunto muito vasto e complexo, pois quando se trata de fé, de alma, de acreditar naquilo que não é visto, torna-se difícil a cura, mas ela existe. Aguarde, pois daremos continuidade ao assunto.

### **Referências Bibliográficas**

Estélio Gomberg – **Hospital de orixás – Encontros Terapêuticos em um Terreiro de Candomblé**. EDUFBA, Salvador 2011

Leloup, Jean-Yves – **O corpo e seus símbolos: uma antropologia essencial**/Jean Yves Leloup, organização Lise Mary Alves de Lima – Petrópolis – RJ, Vozes – 1998

Texeira, M.L.L. – **A encruzilhada do ser: representação sobre a (lou)cura em terreiros de candomblé**. Tese de Doutorado em antropologia) Universidade de São Paulo, SP 1994.

Recebido em 07/11/2022

Aprovado em: 16/11/2022